



**BIANCA PIRES FURTADO**

**KETHLEEN GONÇALVES DO CARMO GOMES COSTA**

**O *POETRY SLAM* COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL  
EM DIÁLOGO COM A CONTEMPORANEIDADE**

**LAVRAS-MG**

**2023**

**BIANCA PIRES FURTADO**

**KETHLEEN GONÇALVES DO CARMO GOMES COSTA**

**O *POETRY SLAM* COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL EM  
DIÁLOGO COM A CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal de  
Lavras, como parte das exigências do  
Curso de Letras (Português/Inglês e suas  
literaturas), para a obtenção do título de  
Licenciado.

Prof. Dr. Marco Antonio Villarta-Neder  
Orientador

**LAVRAS- MG**

**2023**

**BIANCA PIRES FURTADO**

**KETHLEEN GONÇALVES DO CARMO GOMES COSTA**

**O *POETRY SLAM* COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL EM  
DIÁLOGO COM A CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal de  
Lavras, como parte das exigências do  
Curso de Letras (Português/Inglês e suas  
literaturas), para a obtenção do título de  
Licenciado.

APROVADO EM:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Antonio Villarta-Neder – (orientador) - UFLA

Profa. Me. Jaqueline Araújo da Silva  
CEFET-MG

Profa Me. Gislaine Aparecida Teixeira  
Colégio Nossa Senhora de Lourdes

Prof. Dr. Marco Antonio Villarta-Neder  
Orientador

**LAVRAS - MG**

**2023**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos primeiro a Deus por nós dar força em seguir este trabalho com saúde depois de passarmos por momentos difíceis em meio à pandemia de Covid 19.

Somos gratas também pelos nossos familiares que sempre estiveram nos apoiando durante a nossa jornada estudantil e da vida.

Deixamos um agradecimento especial ao nosso orientador Marco Antônio Villarta pelo incentivo e pela dedicação do seu escasso tempo ao nosso trabalho de conclusão de curso.

Agradecemos também à Universidade Federal de Lavras e a todos os professores do curso de Letras pela elevada qualidade do ensino oferecido.

## RESUMO

O presente trabalho elege como objeto de discussão o *Poetry Slam*, um movimento cultural de expressão artística cultivado principalmente pela comunidade negra nas periferias, são batalhas de poesia falada que surgiram em Chicago na década de 80 e chegaram ao Brasil em 2008, por meio da atriz-MC Roberta Estrela D'Alva. Este trabalho tem por objetivo analisar e refletir os apagamentos Históricos-culturais principalmente da mulher negra, a partir do *Poetry Slam* e como a figura da mulher negra na contemporaneidade é representada e vista por grande parte da sociedade, por meio dos textos selecionados de Mel Duarte *Menina Melanina e Não desiste!*. Como base teórica, esta pesquisa traz alguns pesquisadores: HALL (1997-2017), BAKHTIN (2016), que a partir dos estudos desses autores podemos refletir sobre as questões ligadas aos apagamentos das literaturas negras, identidade e diálogo. Este trabalho apresenta uma análise qualitativa do *Poetry Slam* de Mel Duarte, sob a égide das questões de Estudos Culturais em relação à identidade e em Mikhail Bakhtin focando no conceito de diálogo, especialmente ao abordar a conexão entre a negligência da história afro-brasileira no ambiente da sala de aula e, ao mesmo tempo, enfocando a experiência da feminilidade negra fora desse contexto. Reflexões sobre as problematizações relacionadas aos apagamentos históricos serão realizadas, explorando essas questões à luz do feminismo negro, que incitará perguntas e reflexões sobre o apagamento da literatura negra. As análises e reflexões obtidas mostram que, apesar da resistência oferecida pelo patriarcado em se abordar essa temática, é possível construir espaços que possibilitam dar voz às minorias.

**Palavras-chave:** *Poetry slam*. Identidade. Periferia. Diálogo.

## ABSTRACT

The present work chooses Poetry Slam as the subject of discussion, a cultural movement of artistic expression mainly cultivated by the black community in the outskirts. These are spoken word poetry battles that originated in Chicago in the 1980s and reached Brazil in 2008 through the actress-MC Roberta Estrela D'Alva. The objective of this work is to analyze and reflect upon historical and cultural erasures, primarily concerning black women, through Poetry Slam. It examines how the contemporary representation and perception of black women by a large part of society are portrayed, using selected texts from Mel Duarte's "Menina Melanina" and "Não desiste!". The theoretical foundation of this research includes several scholars: HALL (1997-2017), BAKHTIN (2016). Through the studies of these authors, reflections are made on issues related to erasures in black literature, identity, and dialogue. This work presents a qualitative analysis of Mel Duarte's Poetry Slam under the Cultural Studies' scope concerning identity and Mikhail Bakhtin's focus on the concept of dialogue. It particularly addresses the connection between the negligence of Afro-Brazilian history in the classroom environment and simultaneously focuses on the experience of black femininity outside that context. Reflections on the issues related to historical erasures will be carried out, exploring these questions through the lens of black feminism. This will prompt questions and reflections on the erasure of black literature. The analyses and reflections obtained show that despite the resistance offered by patriarchy in addressing this theme, it is possible to construct spaces that allow giving voice to minorities.

**Keywords:** *Poetry Slam*. Identity. Outskirts. Dialogue.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 DAS LITERATURAS NEGRAS .....</b>	<b>10</b>
<b>3 A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS CULTURAIS: NOVAS ABORDAGENS .....</b>	<b>11</b>
<b>4 QUESTÕES DE IDENTIDADE E (IN)DIFERENÇA.....</b>	<b>15</b>
<b>5 BAKHTIN EM DIÁLOGO COM O POETRY SLAM .....</b>	<b>18</b>
<b>6 FEMINISMO E FEMINISMO NEGRO – A (IN)VISIBILIDADE DA MULHER NA SOCIEDADE PATRIARCAL.....</b>	<b>20</b>
<b>7 A RESSIGNIFICAÇÃO DA VOZ DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA NO <i>POETRY SLAM</i>.....</b>	<b>24</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

## 1 - INTRODUÇÃO

O esquecimento da cultura afro-brasileira ao longo da história do país permanece presente, com a prevalência de uma visão cultural restrita e bilateral, que enxerga uma preponderância de matriz europeia e diminui ou silencia as minorias, perpetuando uma posição periférica da matriz africana, entendida com inferioridade. Assim, a identidade nacional brasileira é marcada por uma tensão entre a ideia de “alta cultura” e “manifestações periféricas” que, por muitas vezes, são esquecidas às margens pelo cânone. Essa tensão marca também o ensino de literatura nas aulas de Língua Portuguesa e História, por exemplo, apagando a história dos negros brasileiros, reforçando a imagem do branco civilizador e relegando aos povos negros o espaço na história e na sociedade.

É preciso ressaltar que o lugar da mulher negra é apagado constantemente, o que se estende à sala de aula, com alunas, professoras e até mesmo em material didático, como literatura (incluindo o mundo exterior às aulas), fato percebido no apagamento/silenciamento de escritoras como Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus escritoras essas que dificilmente aparecem no currículo escolar e são estudadas de forma veemente em comparação a tantos outros autores e autoras brancos e nos recentes questionamentos de Conceição Evaristo sobre a sua visibilidade e reconhecimento só após os seus 70 anos.<sup>1</sup>

Diante da complexidade do tratamento da questão afro-brasileira em diferentes âmbitos na nossa sociedade, este trabalho apresenta uma análise qualitativa<sup>2</sup> do *Poetry Slam* de Mel Duarte, sob a égide das questões de Estudos Culturais em relação à identidade e em Mikhail Bakhtin focando no conceito de diálogo, especialmente ao abordar a conexão entre a negligência da história afro-brasileira no ambiente da sala de aula e, ao mesmo tempo, enfocando a experiência da feminilidade negra fora desse contexto.

---

<sup>1</sup> Conceição Evaristo em entrevista à BBC Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>

<sup>2</sup> A análise qualitativa é uma abordagem de pesquisa que se concentra na compreensão aprofundada de dados não numéricos, como textos, entrevistas e imagens. Diferentemente da análise quantitativa, que lida com dados numéricos, a análise qualitativa busca explorar significados, padrões e relações subjacentes nos dados, utilizando métodos interpretativos. Ela visa capturar a complexidade dos fenômenos estudados, buscando compreender contextos, perspectivas e experiências dos participantes, utilizando abordagens como análise de conteúdo, análise de discurso e teoria fundamentada para interpretar e extrair insights dos dados qualitativos.

Para tanto, este trabalho irá salientar reflexões acerca das problematizações em relação aos apagamentos históricos e como isso se justifica, pensando essas questões a partir do feminismo negro, provocando questionamentos e reflexões sobre o apagamento da literatura negra. Os Estudos Culturais e Bakhtin sustentam a importância das discussões em questão e ajudar metodologicamente a análise deste trabalho: da obra *Negra Nua Crua* (2016), da *slammer* paulista Mel Duarte, que traz como foco principal, a representação de mulheres negras brasileiras inseridas no meio social, tendo como referencial personagens como Dandara, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, entre outras mulheres que fizeram diferença na história da construção do país e tantas outras que são apagadas diariamente.

Contamos ainda com o texto de Luciane de Paula (2007) “*O SLA Funk de Fernanda Abreu*”, que compõe a tese de doutorado da autora, para os caminhos bibliográficos e analíticos deste artigo, além de ser um dos textos que aborda as manifestações artísticas de rua de forma científica, respeitosa e coerente com os estudos linguísticos contemporâneos.

O objetivo do presente trabalho foca em entender e refletir sobre os apagamentos históricos nas literaturas negras e entender como essas discussões são extremamente pertinentes e urgentes na contemporaneidade. Isso será feito por meio da análise do *Poetry Slam* entendendo como isso afeta em grande parte a figura da mulher na sociedade dentro e fora das escolas, até mesmo no material didático e em literaturas, entender a partir da análise dos textos de Mel Duarte como é a construção dialógica<sup>3</sup> do feminismo negro na contemporaneidade para assim servir de propostas de discussão nítida e como manifestação cultural de revolta, auto-afirmação de pretitudes, antirracismo e empoderamento feminino negro.

Assim, sendo uma das possíveis abordagens em sala de aula, é levar textos como as *Poetry Slams* de Mel Duarte e outros textos contemporâneos que expressam a urgente necessidade da pauta em salas de aula e em discussões no ambiente acadêmico, não só justificando este trabalho, mas justificando uma luta histórica.

Para tanto, os objetivos específicos deste trabalho serão baseados nos Estudos Culturais fundamentados em Stuart Hall (1997-2017) e seus excedentes e no conceito de dialogismo a partir de Bakhtin (1988 – 2011 – 2016), pois acreditamos que essa

---

<sup>3</sup> De forma resumida, a construção dialógica, segundo Mikhail Bakhtin, representa a visão de que todo discurso é moldado por interações sociais e diálogos entre diversas vozes e perspectivas. Para Bakhtin, a linguagem é um produto de trocas sociais contínuas, sendo formada pelo contexto cultural, histórico e social em que ocorre.

relação pode suscitar reflexões a partir da obra em destaque, continuando e complementando as teorias culturais que serão apresentadas, pois é possível inferir que as teorias se complementam de forma a compor a estrutura da análise científica ligando as culturas como manifestações de sujeitos ativos na sociedade em constante diálogo que são construídos e manifestados pelos interlocutores, ouvintes e autora.

## 2 - DAS LITERATURAS NEGRAS

O exemplo de Maria Firmina dos Reis (1825-1917), como caso emblemático desse esquecimento histórico, coloca em evidência uma das principais escritoras negras brasileira que no seu livro *Úrsula* (1859), usou o pseudônimo “uma maranhense”, que escondia por um lado a sua identidade, mas por outro, demarcava que seu pequeno livro não foi escrito por um homem e sim por uma mulher de “educação acanhada”.

Não podemos esquecer de Carolina Maria de Jesus, escritora já do século XX, e recentemente recuperada pela crítica, como outra figura importante para o trabalho de divulgação da literatura brasileira de autoria feminina negra na contemporaneidade. Reconhecida pelo talento em expressar suas convicções, angústias e emoções como mulher negra e marginalizada no Brasil, conceituada em diversos países, ganhadora de prêmios através da escrita marcante de suas obras, atualmente foi tema de discussão sobre o valor literário de suas obras.

Quando colocado em pauta por críticos homens brasileiros, uma mulher escritora negra, renomada e reconhecida pela sua mistura de escrita simples não editada e profunda, capaz de visualizar a vivência do negro dentro da sociedade patriarcal, elitista e “branca” brasileira, impõe aos pesquisadores de literatura uma série de questionamentos: E se fosse um homem branco escrevendo sobre esses temas e dessa forma? Teríamos discussões se o que está sendo apresentado é literatura? Teria sido colocado em dúvida o caráter literário de suas obras?

A partir desses questionamentos, o presente texto trará as manifestações poéticas do movimento contemporâneo *Poetry Slam*, especialmente produzidas por mulheres negras, e analisá-las como uma forma de embate frente ao esquecimento/apagamento/silenciamento/subalternização/marginalização, não só dos textos, como também dos sujeitos e corpos representados na escrita. Além de suscitar a possibilidade de abordagens em sala de aula.

### 3 – A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS CULTURAIS: NOVAS ABORDAGENS

Pensando em “cultura” como conceito chave deste trabalho, é necessário pensar o nosso objeto – *Poetry Slam* – sob a luz das novas perspectivas apresentadas pela área dos Estudos Culturais a partir da segunda metade do século XX. Os Estudos Culturais, enquanto área, desenvolvem-se inicialmente na Inglaterra, em um contexto posterior à Segunda Guerra Mundial, quando noções homogêneas de cultura, especialmente ligadas à ideia de nação, começam a ser questionadas. A partir dos anos 60, a área começa a se voltar mais diretamente para os debates que envolviam a relação entre cultura e classes sociais:

Trata-se de considerar a cultura em sentido amplo, antropológico, de passar de uma reflexão centrada sobre o vínculo cultura-nação para uma abordagem da cultura dos grupos sociais. Mesmo que ela permaneça fixada sobre uma dimensão política, a questão central é compreender em que a cultura de um grupo e inicialmente a das classes populares, funciona como constelação da ordem social ou, contrariamente, como modo de adesão as relações de poder (MATTERLART; NEVEU. 2004, p. 13).

Ainda segundo Matterlart e Neveu (2004), podemos localizar nas obras de três pesquisadores a origem dos Estudos Culturais. Richard Hoggart (1918-2014) publicou em 1957 sua principal obra *The Users of Literacy Aspects of Working- Class Life with Special References to Publications and Entertainments*, com tradução reduzida para a língua portuguesa como somente *A cultura do pobre*, que trata da sua pesquisa sobre como a cultura operária é influenciada pelos meios de comunicação da época. Raymond Williams (1921-1993) publicou em 1958 o livro *Culture and Society*, “uma genealogia do conceito de cultura na sociedade industrial, desde os românticos até Orwell” (2004, p. 46). Completando a tríade, Edward P. Thompson (1924-1993), um dos fundadores da *New Left Review*, publicou em 1963 *The Making of the English Working Class*, que tinha como foco “a opção por uma história centrada na vida e nas práticas de resistência das classes populares” (MATTERLAT; NEVEU. 2004, p. 46). Tanto as obras, como as perspectivas de pesquisas dos três autores, evidenciam a preocupação em abordar o conceito de “cultura” levando em consideração um aspecto mais amplo, a sua relação com a questão de classe.

Dos diversos autores que contribuíram para o desenvolvimento dos Estudos Culturais, Stuart Hall (1934 -2014), é compreendido como uma espécie de quarto

elemento entre os fundadores da área (embora pertença a uma geração posterior), tendo atuado como diretor do Center for Contemporary Cultural Studies (CCCS), localizado na Universidade de Birmingham.

Stuart Hall apresenta o conceito de cultura em duas dimensões: a primeira como substantiva, que pode ser entendida como a situação real em que vivemos, e uma cultura epistemológica, representada como o papel que exercemos no mundo, através do processo de interação social. Ou seja, para o autor, a cultura aglomera os diversos fenômenos da vida social e também cognitivo do ser humano, sendo assim qualquer fator social que se move por meio da cultura, seja político, econômico, religioso, artístico ou, até mesmo, educativo, é caracterizado como dimensão cultural.

Por “substantivo”, entendemos o lugar da cultura na estrutura empírica real e na organização das atividades, instituições, e relações culturais na sociedade, em qualquer momento histórico particular. Por “epistemológico” nos referimos à posição da cultura em relação às questões de conhecimento e conceitualização, em como a cultura é usada para transformar nossa compreensão, explicação e modelos teóricos do mundo (HALL, 1997, p. 16).

Através do conceito apresentado, o autor afirma que a cultura não é apenas uma simples variável ou dependente dos processos de mudança do mundo, mas sim algo fundamental e constituível para o desenvolvimento humano juntamente com a interação social capaz de referir sentido para a realidade. Nesse sentido, uma das maiores contribuições dos Estudos Culturais foi, ao problematizar o conceito de cultura, ampliar noções que levaram mais adiante a desdobramentos como os estudos étnico-raciais e os estudos de gênero. Nesse sentido, HALL (1997) propõe uma visão da cultura que vai além das manifestações tradicionais, reconhecendo-a como algo mais do que apenas arte, costumes ou tradições de um grupo. Ele enfatiza a cultura como um processo dinâmico e em constante mudança, influenciado pela interação social e pela historicidade. Isso é fundamental para os estudos étnico-raciais, pois permite uma abordagem mais complexa das identidades étnicas e raciais.

Ao ampliar o entendimento de cultura, o autor ajuda a desconstruir visões estáticas e essencialistas sobre as culturas étnico-raciais. Sua abordagem oferece espaço para considerar como essas identidades são formadas, negociadas e transformadas no contexto das interações sociais e das relações de poder. Isso possibilita uma análise

mais crítica das construções culturais que moldam percepções sobre grupos étnico-raciais e suas posições na sociedade.

A abordagem de Hall (1997) sobre cultura, dividida em dimensões substantivas e epistemológicas, influencia de forma significativa os estudos étnico-raciais. Na dimensão substantiva, o autor reconhece a cultura como um elemento dinâmico e mutável, que vai além das manifestações superficiais e tradicionais, envolvendo as interações sociais, instituições e relações culturais em uma sociedade. Isso permite uma compreensão mais complexa das identidades étnico-raciais, enfatizando sua formação contextualizada, fluida e historicamente situada.

No entanto, também há elementos da dimensão epistemológica presentes nesse desdobramento. A ênfase de Hall (1997) na relação entre cultura e conhecimento permite uma análise crítica das narrativas predominantes sobre as identidades étnico-raciais. Isso inclui uma investigação profunda sobre como o conhecimento é produzido, disseminado e internalizado na sociedade, questionando percepções, estereótipos e representações culturais sobre grupos étnico-raciais específicos. Portanto, os estudos étnico-raciais, ao adotarem a visão de cultura proposta pelo autor, não apenas exploram as dinâmicas substantivas das identidades culturais, mas também examinam de forma crítica os processos de construção e disseminação do conhecimento relacionado a essas identidades.

Os debates sobre o racismo no Brasil se iniciaram a partir do século XXI, quando foi colocado em questionamento sobre o direito dos negros no país. No artigo *“STUART HALL E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL: CULTURA, REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES”* os autores Maria Angela Zuraban, Maria Lucia Wortmann e Edgar Roberto Kirchof ilustram bem como era essa “falsa” democratização racial:

A noção de democracia racial, sistematizada por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*, que enfatizava a ideia de que o Brasil oferecia a todos os seus cidadãos igualdade de oportunidades em todas as áreas da vida pública e um convívio harmonioso, quase que totalmente isento de preconceito racial, racismo e discriminação, exerceu grande impacto sobre o imaginário nacional referente às relações étnico-raciais (ZURABAN; WORTMANN; KIRCHOF; 2016; p.19).

Por mais que avanços ocorreram nos debates sobre a inclusão e respeito racial, a sociedade continuava maquiando a inserção do negro nos papéis sociais. Usada

erroneamente a palavra democracia, etimologicamente, tem como significado a liberdade de associação ou expressões a qual não se faz distinções de classes ou privilégios. Partindo do significado, democracia racial não passou de uma inverdade e o que realmente sempre existiu foi a desigualdade racial.

Por muitos anos acreditava-se que o ano 1996 marcaria um grande avanço no sistema educacional no país, com a aprovação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) pelo MEC, em que se obrigava o ensino da educação étnico raciais nas escolas, foi duramente criticada, pois na época o país classificava que existia apenas três raças, o branco, o negro e o índio. A autora Nilma Nilo Gomes, em seu texto *“Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas”* faz uma breve síntese ao que se refere a influência dos PCN’s na cultura afro-brasileira:

[...] os PCNs têm forte apelo conteudista, o que pressupõe a crença de que a inserção de “temas sociais”, transversalizando o currículo, seria suficiente para introduzir pedagogicamente questões que dizem respeito a posicionamentos políticos, ideologias, preconceitos, discriminação, racismo e tocam diretamente na subjetividade e no imaginário social e pedagógico (GOMES, 2011, p.114).

Pensando em expandir a inclusão dos estudos afro-brasileiros no sistema educacional brasileiro, em 2003, a Lei nº 10.639, é validado pelo então presidente Luiz Inácio da Silva, em que se torna obrigatório o estudo da História da Cultura Africana Afro-brasileira e Indígena nas escolas desde o ensino fundamental até ensino médio:

§1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes a história do Brasil

§2º os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (Brasil,2008)

Dessa forma, o Brasil inclui nos livros didáticos diversas figuras importantes para o crescimento e aceitação do movimento negro no país. Dos nomes mais mencionados nos livros didáticos, podemos resgatar a memória de Zumbi dos Palmares (1655-695), que lutou a favor dos negros, sendo nomeado o grande representante para a construção racial no Brasil.

Em discussões mais recentes, foram atribuídos os questionamentos sobre a inclusão das mulheres negras que foram importantes para a construção do país, também nos livros didáticos. Vemos um ganho relacionado à inclusão e reconhecimento da mulher negra na sociedade. Nomes como Aquatune, Dandara dos Palmares, entre outras são mencionadas (ainda que não seja suficiente) nas aulas da historiografia brasileira<sup>4</sup>.

Contudo, observa-se que, por mais que tenham livros, discussões, um dia voltado para a consciência negra ou também visibilidade negra, não se tem no ensino de base uma disciplina inteiramente voltada para os estudos na área afro-brasileira. Por mais que as lutas sejam diariamente atracadadas, tendo em vista a quantidade de aulas lecionadas no ano letivo, o espaço do negro no âmbito educacional ainda é pequeno, tornando então um alerta para que essas questões sejam citadas constantemente nas pesquisas universitárias.

#### **4 - QUESTÕES DE IDENTIDADE E (IN)DIFERENÇA**

Para fins de contextualização e sustentação teórica mais específica, iremos utilizar do conceito de identidade e diferença explorado por Stuart Hall (2017) para análise dos textos e maior aprofundamento nos objetivos deste trabalho, que, lembrando, buscamos analisar e refletir os apagamentos Histórico-culturais principalmente da mulher negra, entender essas questões a partir do *Poetry Slam* e como a figura da mulher negra na contemporaneidade é representada e vista por grande parte da sociedade. Porém, essas questões são dúvidas: representadas por quem e vistas por

---

<sup>4</sup> Para saber mais ler: Caetano, J. O., & Castro, H. C. (2020). Dandara dos Palmares: uma proposta para introduzir uma heroína negra no ambiente escolar. *Revista Eletrônica História Em Reflexão*, 14(27), 153–179. <https://doi.org/10.30612/rehr.v14i27.12106>

quem? Essas questões serão exploradas a frente. Antes, é importante compreender as identidades e representatividades nos Estudos Culturais para melhor diálogo com as teorias e perceber como elas se comunicam e se completam ao analisar e refletir os textos de Mel Duarte.

Teremos como base a obra *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais* (2017) de Stuart Hall, Kathryn Woodward e Tomaz Tadeu da Silva (org.). Consideramos essa obra relevante para nossas discussões, pois enquadra bem nas questões de identidade negra, reafirmação de posicionamento e relação que podemos fazer com os feminismos negros, além de toda a conjuntura estrutural dos textos de Mel Duarte, que implica nas visões e revolta da mulher negra na sociedade brasileira, além de dar embasamento para refletir sobre os apagamentos históricos falados nesse trabalho.

O conceito de identidade é extremamente complexo e atinge diversas camadas como sexualidade, religião, maternidade... questões que permeiam o ser e como ele se vê e se identifica. Apesar do “essencialismo” e do lado biológico envolvendo identidade, uma das perguntas a serem feitas é: as identidades são fluidas e marcantes? Precisam se afirmar? Não dependem de um contexto histórico? Isso tudo envolve a questão da representação (HALL *et al.*, 2017, pág. 25).

A autora revela-nos o que chama de circuito de cultura, nele as representações e identidade se envolvem, se produzem, se regulam e se dialogam:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somo. (HALL *et al.*, 2017 pág. 17-18).

Sendo assim, a identidade tem um ponto crucial de diálogo com a história de um povo, o contexto com que envolve e como as representações se dão na sociedade. Compreendendo este primeiro ponto, é necessário perceber o segundo: o da diferença.

Este baseia-se basicamente em “ao analisar como as identidades são formadas relativamente a outras identidades, relativamente ao “forasteiro” ou ao “outro”, isto é, relativamente ao que não é” (HALL *et al.*, 2017, pág. 50). Segundo o autor, as

identidades não são entidades fixas e essenciais, mas são construídas em contraposição a outras identidades que são percebidas como diferentes, estranhas ou externas ao grupo ou comunidade a que alguém pertence. O "outro" pode ser qualquer pessoa ou grupo que é percebido como diferente em relação ao indivíduo ou à comunidade de referência.

Assim, a formação da identidade ocorre em relação a esses "outros", através do processo de diferenciação e identificação. O "outro" não apenas fornece um ponto de referência para a definição do "eu", mas também influencia a maneira como nos vemos e nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. Esse aspecto relacional e comparativo molda continuamente nossas identidades individuais e coletivas, pois estamos constantemente negociando e redefinindo nossas identidades em relação às diferenças percebidas.

Mas claro, a ideia é interpretar este conceito não como algo binário, unilateral, é entender como algo relacionado ao diálogo em Bakhtin, como ele se dá e se exemplifica nessas construções de diferença e identidades e como podemos relacionar.

Isto, pois, a identidade é formada pelo eu e pelo outro, no contexto ao redor por meio de situações históricas e dialógicas. Parte de negações da própria cultura, parte de afirmações, e por isso, parte também de manifestações. Geram sentidos diferentes. A própria questão da pessoa que se identifica como negra. Gera sentidos em diálogos diferentes, para pessoas diferentes, incluindo o racismo e o apagamento histórico, por consequência. Então se afirmar, manifestar é um ato de resistência dialógica que parte da identidade.

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzir o desejo dos diferentes grupos sociais (...) em estreita relação de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença (...) A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (TADEU, 2017, pág. 81).

Compreendendo essas questões, entendemos a necessidade de vincular nesse trabalho o conceito de Bakhtin de diálogo, analisar a e refletir a importância das teorias em conjunto para um melhor desenvolvimento analítico nos poemas de Mel Duarte. Pois a partir do entendimento que as identidades se constroem dentro e não fora do discurso, o que implica, diálogo, precisamos entender onde e quando as manifestações são produzidas (HALL, 1997, pág. 109).

## 5 - BAKHTIN EM DIÁLOGO COM O *POETRY SLAM* E OS ESTUDOS CULTURAIS

Agora que foi explícito a importância dos Estudos Culturais, principalmente compreender as identidades e um pouco dos conceitos principais, entendemos que a identidade não é apenas um conceito pragmático de achismos. Envolve questões de sujeitos em diálogo e sentidos históricos e contextuais. Para fins de melhor compreensão das análises dos poemas mais a frente, o conceito de diálogo em Bakhtin precisa ser explicado.

O conceito da filosofia da linguagem de diálogo em Bakhtin se entremeia em alguns outros essenciais que podem ser compreendidos como parte indissociável do discurso. Esses conceitos são justamente enunciado e diálogo.

Importante salientar que, segundo Bakhtin, enunciado não é o ato de analisar um fragmento de texto, isolado com produto pronto e chamar assim de enunciado. Diferentemente dessa visão pragmática, o sujeito se marca no enunciado e assim, Bakhtin analisa o enunciado como composição de atividade humana, pensando por onde circula, como são produzidos, onde são recebidos, por quem, quando e que resposta está suscitando, além do tom e características estilísticas. O diálogo sempre pressupõe interlocutor,

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (Bakhtin, 2012, p. 117).

A começar pelo conceito de enunciado, a fundamental parte é “o falante com sua visão de mundo, os seus juízos de valor e emoções, por um lado, e o objeto de seu discurso e o sistema da língua (dos recursos linguísticos), por outro” (BAKHTIN, 2016, pág. 56-57). No entanto, o próprio autor afirma que varia muito de acordo com a alternância dos sujeitos no discurso, daí, pode-se compreender que o enunciado não é só um aparato de relações sintáticas, mas sim algo em necessário contexto, comunicando de algum lugar, para alguém, em um determinado tempo. Para que o diálogo aconteça,

parte indissociável é o enunciado como diálogo, pois depende do outro para existir, mesmo quando o interlocutor fala de si mesmo, fala para outros ou por meio de outros.

Sendo o enunciado uma composição da atividade humana, Bakhtin (2011) reflete sobre a importância de a literatura estar atrelada a cultura, sendo cultura entendida como um conjunto social, não como nós a designamos. A cultura é o todo que permeia o sujeito autor, logo, influe na literatura. Porque é a partir do real cultural que o autor se debruça sobre sua escrita literária.

A literatura constitui uma parte inalienável do conjunto cultural e não pode ser estudada fora do contexto total da cultura. É impossível separá-la do resto da cultura e vinculá-la diretamente (por cima da cultura) a fatores sócio-econômicos e outros. Estes fatores influem na cultura em seu conjunto, e só através dela, e junto com ela, é que influem na literatura. A vida literária é parte integrante da vida cultural (BAKHTIN, 2011, 380).

Portanto, Bakhtin (2011) não está dizendo que o autor coloca seu mundo na escrita, mas sim que a escrita pode traduzir o mundo do autor. A compreensão dos sentidos não está só na visão do autor, ultrapassa, pois os sentidos são múltiplos e pode ter diferentes caminhos a depender do leitor.

Em dialogismo, a ideia central é que a linguagem é essencialmente uma atividade social, na qual os significados são construídos em interações entre pessoas. Bakhtin (2011) enfatiza que a linguagem não é um sistema fechado de símbolos com significados fixos, mas sim um processo dinâmico e em constante evolução. Ele argumenta que os significados das palavras e textos são moldados pelas interações sociais e culturais em que ocorrem. Isso significa que a linguagem é permeada por múltiplas vozes e perspectivas.

Desta forma, a tensa luta dialógica é fundamental para assimilar como o significado é construído na linguagem e como as ideologias são negociadas e transformadas. Essa luta não se limita apenas à esfera literária, mas também se estende a todos os aspectos da comunicação e da interação social. O dialogismo bakhtiniano enfatiza que o significado não é algo estático e definitivo, mas sim algo em constante

evolução e contestação, influenciado por uma variedade de vozes em interação constante.

Nesse sentido, a interação entre vozes e perspectivas diferentes na linguagem não é um processo harmonioso, mas sim um campo de tensões e conflitos. Nesse contexto, a linguagem é vista como um espaço de competição e negociação constante de significados, em que várias vozes e discursos estão em conflito e interação.

Ao se falar de *Poetry Slam*, é importante mencionar o conceito de gêneros discursivos de Bakhtin, uma vez que esse trata-se de gênero discursivo que acaba sendo escrito, mas primordialmente não é escrito. Segundo Bakhtin, gêneros discursivos são tipos de enunciados que têm características específicas de composição, estilo e conteúdo, moldados pela finalidade comunicativa e pelo contexto sociocultural em que ocorrem (BAKHTIN, 2011, p. 261). Essa perspectiva ajuda a compreender como os enunciados apresentados nos textos de Mel Duarte se organizam e produzem sentido dialógico, em diálogo com sujeitos de diferentes identidades, que ao receber o texto constroem parte da sua identidade de forma dialógica. Por isso, é interessante a contribuição das duas teorias, Estudos Culturais e Bakhtin, para uma análise em diálogo com a contemporaneidade: a construção social, relações dialógicas se dão através das identidades.

## **6 – FEMINISMO E FEMINISMO NEGRO – A (IN)VISIBILIDADE DA MULHER NA SOCIEDADE PATRIARCAL**

Assim como a importância dos Estudos Culturais, as discussões de gênero ultrapassam as barreiras das universidades e se concretizam diariamente com as lutas das mulheres em relação ao espaço de ocupação na sociedade.

Por consequência dessa desigualdade cultural, humanitária, racial e patriarcal da sociedade em que estamos introduzidos, a extinção da figura feminina dentro da sociedade mostra o quanto tempo foi perdido e o valor não atribuído a essas mulheres ao longo da história de construção do feminismo. Constantemente nos deparamos com discursos desafiadores e provocadores sobre a inclusão da mulher nas pequenas manifestações culturais diárias.

Na época do Brasil Colônia (1500-1822) vivia-se um sistema de repressão, tanto as minorias quanto as mulheres, tinham pouca voz para reivindicar seus direitos. A luta das mulheres dessa época era focada em alguns direitos essenciais para o indivíduo na

sociedade, buscava-se o direito ao trabalho, a educação, ao divórcio e até mesmo ao direito ao voto.

Nos anos que se passaram o Brasil Império (1822-1889), as mulheres conquistaram o direito a educação. Uma das grandes representantes dessa conquista foi a ativista Nísia Floresta (1810-1885), que deu início a primeira escola de mulheres no país e a evolução do feminismo.

A partir do século XX, as mulheres iniciam uma batalha para a reivindicação dos direitos trabalhistas. Em 1917 houve a primeira greve, com maior participação feminina, elas reivindicavam pela regularização do trabalho, ajuste na jornada de trabalho para oito horas diárias e o banimento do trabalho noturno.

Porém, apenas a partir dos anos de 1932, no quadro político de Getúlio Vargas, a mulher teve direito ao voto e participar ativamente como membro político, podendo votar e serem votadas. A mulher como um membro participante da sociedade não ter o direito de escolha política é algo não condizente tendo em vista que ela faz parte ativamente naquela sociedade.

Além dessa desigualdade de gênero existente desde quando o mundo é mundo, havia também a distinção das mulheres negras e mulheres brancas, sendo que as negras apenas eram vistas para a servidão como as amas de leite, além dessa figura objetificada eram usadas sexualmente pelos seus donos. Enquanto as mulheres brancas eram silenciadas e restritas apenas aos trabalhos domésticos e ao cuidado com seus filhos.

Atualmente, com a pluralidade do movimento feminista, é extensa as pautas dos submovimentos, portanto nem todas as áreas do feminismo podem e devem concordar com a reivindicação das mulheres na sociedade. Porém, algumas bandeiras como a igualdade salarial, a participação ativamente na política, a segurança dessas mulheres contra a violência por parte do homem, amamentação em público, acesso aos métodos contraceptivos e o direito de opção para serem livres, ao escolher o grande pretexto quando se trata do gênero feminino: ser mãe, são colocadas em discussões diariamente.

Existem questionamentos recorrentes ao papel de inserção da mulher negra ativamente dentro da sociedade tradicionalmente brasileira. Com os estudos voltados para a ressignificação da mulher podemos perceber que a figura feminina é apagada constantemente, em que podemos classificar como a imagem do subalterno, conforme SPIVAK (2010) em sua obra *“Pode ao subalterno falar?”* demonstra como esse apagamento leva o sujeito subalternizado para o lugar de marginalizado:

No contexto do itinerário obliterado do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado. A questão não é da participação feminina na insurgência ou das regras básicas da divisão sexual do trabalho, pois em ambos os casos, há “evidência”. É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK, 2010, p. 66).

Tendo como base a citação, é possível perceber que se tratando da mulher negra brasileira este apagamento é triplamente considerado: a primeira quando fomos colonizados pelos portugueses, a segunda se dá pelo fato de ser mulher e a terceira por ser mulher e negra.

Com base nos estudos sobre o feminismo negro no Brasil<sup>5</sup>, podemos classificar o movimento como um papel democrático importante para os avanços, Djamila Ribeiro em seu livro “*Quem tem medo do feminismo negro?*” (2018) traz na introdução algo que chama atenção para a preponderância da identidade do movimento no país.

O feminismo negro não é uma luta meramente identitária, até porque branquitude e masculinidade também são identidades. Pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos (RIBEIRO, DJAMILA, 2018, p.7).

A citação de SPIVAK (2010) juntamente com a de RIBEIRO (2018), nos mostra o quão pouco conhecemos da história do país em que vivemos, em que muitas das personagens negras, que foram de extrema importância para muitas conquistas no Brasil, são silenciadas de forma errônea.

A palavra *empoderamento* é interpretada muitas vezes como individual, porém, para o feminismo negro, “empoderar” trata-se de uma luta em conjunto, ou seja, marca

---

<sup>5</sup> Para saber mais leia: MOREIRA, Núbia Regina. O feminismo negro brasileiro: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

LEMOS, Rosalia de Oliveira. Feminismo negro em construção: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

CARMO, Íris Nere do. O rolê feminista: Autonomia, horizontalidade e produção de sujeito no campo feminista contemporâneo. 2018. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

uma batalha da união das mulheres negras brasileiras a se colocarem como sujeitos ativos da mudança. Através desse empoderamento, pode-se perceber essa visão de avanço e marcação de territórios, que antes eram demarcados por brancos e hoje ocupado por mulheres negras. Como apresentado em seu livro, RIBEIRO (2018) cita uma breve explicação sobre o termo empoderamento

Como diz Bell Hooks, o empoderamento diz respeito a mudanças sociais numa perspectiva antirracista, antielitista, e antissexista, por meio das mudanças das instituições sociais e das consciências individuais. Para ela, é necessário criar estratégias de empoderamento no cotidiano e em nossas experiências habituais no sentido de reivindicar nosso direito à humanidade (RIBEIRO, 2018, p.135).

Com isso, o termo empoderamento, segundo a autora, é importante que seja visto como forma de equidade e não superioridade. A busca pela igualdade salarial, por exemplo, é uma luta que as mulheres estão reivindicando há anos e mesmo com os avanços nas leis trabalhistas, ainda é possível perceber essa desigualdade. Como citado anteriormente, as estratégias de empoderamento é colocada em prática por diversas manifestações do nosso cotidiano.

Não obstante, compreender as manifestações poéticas como manifestações de sujeitos mulheres negras na literatura como um papel ideológico e político não neutro é fundamental para a compreensão de como essas manifestações se intercalam com suas vivências e compartilham entre os interlocutores vozes de diferentes épocas, idades, mas com problemas ainda muito parecidos. Então, os espaço-tempos que se tem nas realidades da mulher negra, mesmo com os avanços citados do século XXI, ecoam por meio do tempo, sendo o racismo assim uma herança também discursiva.

No entanto, este discurso por ser responsivo e terem raízes profundas na história brasileira, são então confrontadas por mulheres negras na arte, espaço este elitizado durante séculos e ocupados em sua maioria por homens brancos, agora servem para expressão de atos simbólicos e como *práxis* antirracistas, de força de uma população que se ergue e ecoa mais do que sofrimento, luta.

Apesar do caminho ainda ser longo, a figura da mulher negra pode e deve ocupar todos os espaços, um dos ambientes que vem tomando conta do desabafo por

meio da literatura é o do movimento *poetry slam* que segue influenciando jovens a libertar seus anseios através da poesia.

## **7 - A RESSIGNIFICAÇÃO DA VOZ DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA NO *POETRY SLAM***

O termo “*slam*” originou-se em 1984 em Chicago, pelo seu “criador” Marc Kelly Smith, apelidado como *Slam Papi*. A palavra “*slam*” é uma onomatopeia na língua inglesa que se refere a uma “batida” de porta ou de janela. Com os ouvidos apurados aos barulhos que contribuirão para sua profissão, o trabalhador de construção civil adaptou o nome “*slam*” às batalhas de poesia, a qual organizava no mesmo ano na cidade. A autora Mel Duarte usa o termo “*spoken word*” (palavra falada) e informa que a expressão foi apresentada a essa geração e entende como uma profissão.

Poderíamos definir o *poetry slam*, ou simplesmente *slam*, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo. (D’ALVA, 2014, p. 109).

São os chamados *slammers*, artistas que competem nessa modalidade e que declaram seus textos acompanhados de performances. A ideia de uma competição de poesia falada ganhou espaço nos bares da cidade e logo depois nas periferias, lugares onde é de maior preponderância a prática de tal manifestação poética atualmente.

No Brasil, o *poetry slam* foi introduzido por Roberta Estrela D’alva no ano de 2008, poeta, apresentadora, pesquisadora, e idealizadora do projeto da inclusão da periferia, ela mostra uma definição intensa do termo “*slam*”. Por meio de suas lutas diárias como mulher, negra e periférica, Roberta mostra em suas poesias e nas pautas do seu então programa *Manos e Minas*, televisionado pela Tv Cultura de televisão, a inclusão e a importância do papel da mulher para a história do crescimento do país. Porém, quando se tem um espaço para que jovens negros e periféricos coloquem suas ideias e demonstrem suas diferentes faces no meio em que vivem, a mídia silencia e

tenta apagar o que está sendo divulgado para as demais classes sociais. No início do mês de julho do ano de 2019, em forma de desabafo em uma postagem em sua rede social, Roberta D'Alva escreve um texto informando, sobre o encerramento de forma obrigatória e censural do programa em que dava voz as mulheres, pessoas negras, homossexuais, transexuais, periféricos, deficientes, povos indígenas e todos os demais que se encontram as margens da sociedade.

Após leituras, pode-se comparar os cordelistas<sup>6</sup> e repentistas<sup>7</sup> aos *slammers*. A forma como os poemas são declamados de fato há proximidades, porém da mesma forma que se torna próximo, também se torna distante, por representarem diferentes manifestações culturais. O *slam* chega as grandes cidades do Brasil de maneira tímida. Após onze anos, o *slam* conquista seu espaço e domina mais de dezoito estados brasileiros sendo que oito deles são liderados e aceitam apenas poetas femininas.

Tão importante quanto todas as manifestações que o *slam* traz, pensar que existe um conjunto liderado por mulheres e que aceitam apenas mulheres como declamante nas batalhas, atribui uma conquista por estarmos em uma sociedade que molda a mulher a ser doutrinada a cuidar dos afazeres domésticos e não ter local de fala em diferentes momentos da vida.

Com o objetivo de expressar os sentimentos e até mesmo desabafar sobre diversas dificuldades do dia a dia, cada poeta aborda temas como discriminação, violência, drogas, racismo, machismo, feminismo nas ricas poesias que tomam conta dos saraus, dos coletivos e até mesmo das praças, como a praça Rossevelt, no centro da cidade de São Paulo. Todas as primeiras segundas feiras de cada mês, o coletivo Slam Resistência<sup>8</sup> se une para colocar em pauta questões que fogem do cotidiano:

A cada geração, adapta-se a utilização da palavra para contar sua história, deixar o seu legado e isso, no contexto atual, nos permite romper com um ciclo de mulheres silenciadas e compartilhar nossa visão de mundo numa sociedade patriarcal que quer nos limitar a todo

---

<sup>6</sup> Cordelista é o termo utilizado para se referir ao autor ou poeta que escreve literatura de cordel. Por sua vez, a literatura de cordel é uma forma popular de poesia e narrativa tradicionalmente encontrada no Nordeste do Brasil. Ela é chamada de "cordel" porque as histórias eram frequentemente penduradas em cordões ou barbantes em feiras e mercados para venda, geralmente a preços acessíveis. Esses folhetos ou livretos costumam ser ilustrados e são caracterizados por sua estrutura em versos rimados.

<sup>7</sup> O repentista é um tipo de poeta popular que se destaca pela habilidade de criar versos de maneira improvisada, compondo estrofes rimadas de forma instantânea. Essa arte é conhecida como "repente" e faz parte da tradição da cultura nordestina do Brasil.

<sup>8</sup> [https://www.instagram.com/slam\\_resistencia/](https://www.instagram.com/slam_resistencia/)

momento e que, desde o começo dos tempos dita a disposição de nossos corpos e de nossas falas (DUARTE, 2019, p. 9).

Com a duração de três minutos, cada poema é apresentado e julgado por jurados que escolhem os melhores. As seleções são feitas dessa forma por diversos coletivos de slam em todo o Brasil e assim, em meados dezembro, acontece o Copa do Mundo de Poesia Falada que ocorre todo ano em Paris.

Por mais que ainda que exista um padrão da mulher encubado dentro da nossa sociedade patriarcal e machista, os vencedores das batalhas de poesia no Brasil em sua maioria são mulheres e negras. Com temas decorrentes ao dia a dia, os discursos trazem uma espécie de marcação de território das mulheres dentro da poesia falada. Mel Duarte, escritora, slammer, produtora cultural e cantora, em 2016 foi destaque na FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) e foi a primeira mulher a vencer o Rio Poetry Slam (campeonato internacional de poesia). No auge dos seus 31 anos, construiu uma carreira de reconhecimento no meio da poesia falada. A paulistana é a maior referência de escrita feminina no slam brasileiro.

Seus poemas provocativos e destemidos trazem uma escrita singular e atenta aos marginalizados. A autora é defensora das minorias, mistura palavras e emoções em seus poemas desde os 8 anos de idade, quando iniciou sua carreira como escritora. Com a influência de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Elisa Lucinda, Esmeralda Ribeiro, Elizandra Souza, Maya Angelou, Angela Davis, Mel tem sua escrita marcada por representar anseios, dificuldades, dores e delícias de ser uma mulher negra. Baseada nas vivências da sua caminhada na literatura a autora consegue trazer em seus poemas a importância em ter consciência que por mais que atualmente mulheres negras estejam ganhando seus espaços para soltar as suas vozes e galgar seus espaços, outras tantas mulheres estão sendo silenciadas a todo momento de forma violenta seja pelos seus companheiros ou até mesmo em seus locais de trabalho.

É notório que o racismo e o machismo são dois comportamentos que andam de mãos dadas quando se fala em mulheres negras. No Brasil os espaços para essas mulheres são diminuídos constantemente. Problemas sociais como a descriminalização da mulher negra na sociedade são temas de diversos poemas que os coletivos do slam mostram nas suas manifestações poéticas. que primeiro são recitadas e depois escritas e transformadas em uma coletânea. Isso pode ser percebido quando os poemas escritos

pela autora, não podemos falar de feminismo sem a mulher negra, isso porque a base do povo brasileiro é a miscigenação e inclui com força maior a mulher negra.

De forma provocativa e desafiadora, a autora apresenta em seus poemas temas importantes para reflexão diária das mulheres na sociedade, tais como: a objetificação do corpo feminino negro com teor sexual, a discriminação por meio da cor do outro, a marginalização dos menos favorecidos. Dessa forma, Mel Duarte reafirma seu papel como escritora negra, representando também outras vozes constantemente subalternizadas no nosso país.

Neste trabalho, não analisaremos a performance, mas sim os poemas de Mel Duarte, inicialmente apresentados em batalhas, mas posteriormente publicado no livro *Negra Nua Crua*.

É necessário compreender que a questão da inspiração nas autoras que remetem aos discursos cotidianos, como Carolina Maria de Jesus, possibilita uma visão mais ampla dos poemas contemporâneos que foram mostrados. No caso, a mulher negra e a vida diária sendo retratada como a própria luta intrínseca em sua vida, sendo por si, uma luta por direitos e posicionamento em uma sociedade patriarcal e que marginaliza e inviabiliza propositalmente expressões subjetivas de mulheres negras. A questão interessante a se analisar é como a não redundância para enunciados do cotidiano, justamente por ser artística, dos poemas traz a figura da mulher negra e o empoderamento de si a partir de si para o mundo e sua relação com o mundo. Esse olhar cotidiano nos poemas, a linguagem direta e do dia a dia evidencia a natureza estética do poema, contribuindo para a produção de sentido no leitor, como sendo parte da vida de diversas mulheres, mas ao mesmo tempo remetendo as diversas complexidades ao redor da mulher, que ferem sua própria existência, tornando assim poemas militantes pela voz dessas mulheres, um grito enunciativo, mesmo que apenas lido.

Seguindo estes pontos enfatizados, os poemas podem apresentar um olhar diferente a cada sujeito que lê, sendo necessário perceber não só o enunciado, mas o processo de enunciação. De onde vem, para quem, e como a perspectiva de leitura entre interlocutores pode divergir. Em outras palavras, o leitor que se identifica com as questões apresentadas nos poemas possuirá uma leitura diferente daquele que acompanha ou está próximo da população alvo dos poemas, e divergirá mais ainda na visão de alguém distante destas realidades, seja como uma nova possibilidade de leitura e de consciência de classe e lutas, ou um possível motivo de desdém, gerando um efeito de revolta por parte da parcela opressora da sociedade. Salientando que, revolta, não no

sentido político e de (re) posicionamento mediante as afirmações no poema, mas um desdém pela luta dos oprimidos estar sendo expressa, afetando diretamente os opressores e seus interesses próprios.

É de extrema importância citar as diferentes leituras dos interlocutores, e entender que um enunciado gera diferentes sentidos, por isso, o enunciado não está pronto e estático, mas volátil e completamente entregue ao espaço-tempo e sujeitos que interagem com o objeto enunciativo. Nesse sentido, é ainda mais claro o papel político não neutro de uma obra artística, e como os poemas em questão dizem respeito a todos os interlocutores representados ou não no poema, e como a repercussão da leitura, e o papel fundamental desta obra de arte (a afirmação das mulheres negras como sujeitos ativos) se emaranha na compreensão cotidiana do escritor, para quem está escrevendo e como é escrito. E o “como” sendo essencial para o entendimento do discurso dos poemas, pois, segundo Bakhtin(2011),

O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso e qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em abstração, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. (BAKHTIN, 2011, pág. 264).

Não obstante, o caráter ideológico não pode de maneira alguma ser ignorado na composição estilística dos textos. As formas ligadas ao enunciado, refletem às realidades de quem emana o discurso, e mais: integra um pensamento coletivo, por ser abertamente uma representação e afirmação do feminismo negro, correspondente à forma artística *slam* que por definição tem papel de denúncia a alguma situação, afirmação de uma ideologia e protesto como cerne do gênero discursivo. Não é possível a dissolução do texto com autor e leitor, para o mundo e a produção do texto, esta relação que se desdobra em si mesma e emana sentidos, é fundamental para compreensão da complexidade dos poemas e como eles podem ser analisados perante perspectivas fundamentadas nos Estudos Culturais e Bakhtinianos. Por isso, para as análises diretas dos poemas, não só o enunciado será analisado com veemência, mas a relação do eu-outro na perspectiva Bakhtiniana, pois “o discurso alheio possui uma expressividade dupla: a própria, que é precisamente a alheia, e a expressividade do enunciado que acolhe o discurso alheio” (BAKHTIN, 1988. pág. 284).

Partindo do objeto de estudo desse texto, os slams a serem analisados, podemos perceber que a mulher por meio das suas manifestações vem se tornando (re)ativa na sociedade atual, busca autoafirmação, posiciona-se como mulher negra e confronta um sistema estruturalmente racista.

Poemas para análise:

#### MENINA MELANINA

Passou por incertezas  
 Momentos de fraqueza  
 Duvidou se há beleza  
 Nos seus olhos escuros,  
 Seu cabelo encrespado,  
 Sua pele tom noturno,  
 Seu gingado erotizado.

Algumas por comodismo não se informam, nem vão atrás  
 Pra saber da herança que carregam, da força de seus ancestrais!  
 Preferem acreditar que o bom da vida é ter um belo corpo e riqueza  
 E que chegará ao ápice de sua carreira quando se tornar a próxima Globeleza.

Preta:

Mulher bonita é a que vai a luta!  
 Que tem opinião própria e não se assusta  
 Quando a milésima pessoa aponta para o seu cabelo e ri dizendo que ele está “em pé”  
 E a ignorância dessa coitada não a permiti ver...  
 Em pé, armado,  
 Foda-se! Que seja!  
 Pra mim é imponência!  
 Porque cabelo de negro não é só resistente,  
 É resistência.

Me aceitei, quando endredei

Já são 8 anos de cultivo e paciência

E acertei quando neguei

Esse padrão imposto por uma mídia de uma sociedade que não pensa.

Preta, pretinha

Não ligue pro que dizem essas pessoas,

E só abaixe a tua cabeça,

Quando for pra colocar a coroa!

(DUARTE, 2016, p. 11)

As análises tomarão formas diferentes de acordo com a necessidade particular de cada uma. Algumas tomam formas de vozes femininas negras e empoderamento complexo em questões subjetivas do sujeito para o mundo enquanto outros são gritos emocionados e com vontade de trazer ideias de forma a rasgar a mentalidade racista e de tomar os lugares que são majoritariamente ocupados por pessoas brancas. Dito isso, os poemas tomam formas similares em questões estruturais, sendo quase aforismos poéticos bem estabelecidos e escritos a partir de um discurso oral, o que torna a forma ainda mais pessoal e compõe o estilo único destes textos. Logo, a estrutura, estilo e tudo que permeia a composição, sendo ela um enunciado que se dissipa do mundo para o sujeito e do sujeito para o mundo, os discursos são compostos por vozes orais por meio das vozes escritas. O que toma um rumo diferente de muitos poemas, que são declamados depois de escritos. Além disso, esses enunciados poéticos pressupõem um sujeito em diálogo com algo/alguém, e essa relação dialógica é importantíssima para compreender a questão de análise do sujeito em movimento de expressão enunciativa, pois, segundo Bakhtin o sujeito é a relação e composição do “eu” pelo “outro” em uma relação em um espaço-tempo específico em diálogo com o leitor.

Assim, as análises se constituirão de estrutura, composição, dos sujeitos envolvidos e da relação dialógica e de identidade e diferença entre leitor (es) e autor(es) pois é justamente o fato de uma consciência estar fora de outra, de ver a outra completa, em diálogo com o outro, percebendo que a palavra (enunciado) precisa do outro para produzir sentido.

Desta forma, perceber os sujeitos envolvidos e a relação dele com o mundo e com outros sujeitos por meio da palavra, é de suma importância para conceber as ligações e diálogos que produzem sentidos diferentes, tendo em mente a composição e

estrutura dos textos. Além disso, ainda é possível falar do tom dos textos, já que nascem de textos e de uma cultura oral, e se transpõem em culturas escritas. Os tons nestes casos são fundamentais para compreender como se formam os sentidos antes e depois de serem escritos, principalmente da relação autor e leitor, pois

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativa-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo (BAKHTIN, 2003, p.373- 374).

Em outras palavras, é necessário reconhecer os retratos dos poemas, da mulher negra e de quem e o que está ao seu redor e como essas relações se estabelecem, muitas vezes através do racismo e do racismo estrutural, que coloca este sujeito em posição de desprivilegiadas, e silencia literalmente ou metaforicamente a voz dessas mulheres em diversas áreas sociais importantes. Logo, um grito, um poema, uma expressão artística crua e poética é um ato responsivo direto a todos estes desafios que nascem de uma cultura escravocrata e de privilégio aos brancos. O ato de se manifestar artisticamente é uma imposição de suas vozes e de como são sujeitos ativos na sociedade, com direitos, desejos, características únicas e denotadas como belas e que se afirmam. Não só características externas estéticas, mas características vivenciadas e intelectuais imensas, e cheias de História, lutas e glórias para além dos discursos de uma via, contadas pela mesma classe branca privilegiada, de que pretos e pretas estão sem posições importantes na sociedade, e não tem importância. Estes poemas são gritos literais e metafóricos, respostas diretas a tudo que foi tirado de mulheres negras, agora como voz a afirmar que estão retomando este poder e direito, de viver, se expressar, ser.

Assim, compreende-se como criação estética, de alto nível, complexa e com representações artísticas e intersubjetivas cheias de sentido: pois segundo PAULA (2007) “o olhar do “eu” sobre e para o “outro” (...) (autor-criador) não pertencente ao qual se voltam suas canções, mas um sujeito que se autodesigna, seja por desejo ou pretensão, pertencente a ela”. Neste caso, se substituirmos a canção pelo meio que se utiliza desses discursos, os poemas, temos uma visão interessante.

A começar pelo título: “MENINA MELANINA”, que traz a característica que circunda todos os poemas, a negritude na mulher e como isso se manifesta em diversos

sentido. No que diz respeito à estrutura, que ecoado do discurso oral, carrega uma força de discurso direto, de voz ativa, que dialoga diretamente com a mulher negra. Uma exaltação da autoestima e uma reflexão para a figura da mulher negra como ápice. Resignificação é a palavra-chave. As resignificações se dão pelos adjetivos empregados no texto. Por exemplo, na primeira estrofe:

“Passou por incertezas  
Momentos de fraqueza  
Duvidou se há beleza  
Nos seus olhos escuros,  
Seu cabelo encrespado,  
Sua pele tom noturno,  
Seu gingado erotizado.”

A narrativa de uma mulher negra se torna comum aos ouvintes, sendo uma mensagem direta em grito de autoestima e sendo um discurso quase autoexplicativo, dependendo do ouvinte. As incertezas e fraquezas não se referem as condições humanas comuns, mas com a condição social imposta por uma sociedade patriarcal machista e fundamentalmente racista, não deixando o texto geral, mas explicitamente para um público que demanda uma catarse.

Em seguida, uma das questões mais profundas no discurso de autoestima da mulher negra: a dúvida. Dúvida sobre sua própria beleza, quando os padrões gerais de uma sociedade que é movida a capitalização do corpo branco e intermediada por mídias sociais e filtros visuais em uma constante propagação e retroalimentação do discurso normativo hétero branco, no qual o padrão é uma mulher branca, magra e de cabelos lisos, se torna essencial para contribuição da baixa autoestima da mulher negra inserida na sociedade. Então o discurso no enunciado do texto de exaltação dos adjetivos da mulher negra que geralmente são usados contra ela, são enfatizados e colocados em um posto de embelezamento e cuidado entre pessoas que já passaram por situações parecidas, e exalta o que tem de beleza em si: si mesmas para si.

Logo, o discurso não se torna vago e meramente ilustrativo, mas um discurso político, que se estende em âmbitos sociais onde cicatrizes históricas ainda oprimem as características da mulher, muitas vezes pela sua própria existência, que é resignificada por resistência. Resistir aos discursos seculares preconceituosos e impeditivos de ocupar

lugares metafísicos de beleza, amor-próprio e imposição de si para o mundo, a partir de um discurso direto, e cheio de sentidos. E tudo isso ser demonstrado no enunciado musicado é importante, pois ao longo da história, a música é um gênero discursivo poderoso e expressivo, com destaque para a história do povo negro. As músicas são uma forma de demonstração de sua cultura, de si mesmos, de suas vitórias, glórias, dores, cicatrizes e com sentidos que se multiplicam de acordo com seus ouvintes. Gêneros musicais como o *jazz*, *blues*, *soul*, *funk*, *hip-hop*, fazem parte até hoje de uma cultura riquíssima que influenciam diretamente os textos analisados. Podemos ter em vista qualquer um desses gêneros musicais para falar da força que possuem em seus interlocutores.

Já na segunda estrofe:

“Algumas por comodismo não se informam, nem vão atrás  
Pra saber da herança que carregam, da força de seus ancestrais!  
Preferem acreditar que o bom da vida é ter um belo corpo e riqueza  
E que chegará ao ápice de sua carreira quando se tornar a próxima Globeleza”

É justamente sobre as influências de raízes racistas que perambulam o inconsciente da mentalidade de muitas brasileiras. Neste sentido, se diferencia os sentidos de riqueza e poder, com o questionamento do que de fato é o empoderamento. Globeleza, em televisão da Rede Globo, sambando e tendo boa parte do seu corpo exposta é dito como um dos ápices de um posicionamento da mulher, sendo que na verdade, a sensualidade dá lugar a objetificação e sexualização do corpo negro. Considerando essa mentalidade, a autora faz referência de maneira pejorativa a essa posição, não responsabilizando a pessoa em si (modelo) por estar ocupando aquele lugar ou diminuindo-a de alguma forma, mas identificando o lugar em si como problemático. Sua existência e aceitação são apelativas e demonstram, para um público branco, a reafirmação de estereótipos da mulher negra, ligados ao samba, à dança e à sexualização de seu corpo, como uma herança racista do Brasil Império.

Logo, as duas primeiras frases são de suma importância para o sentido da crítica da música: a informação, a autonomia e a luta contra estereótipos de uma sociedade racista, lembrando que beleza, riqueza e poder podem ter sentidos diferentes, se olhados em perspectivas diferentes, como por exemplo, ao passado do povo negro, antes

da massiva escravidão causada principalmente pelos povos europeus. Essa noção de ancestralidade se torna importante na noção de (re)existência em uma sociedade que insiste em esquecer a sua base. Esta ressignificação de valores se mostra imponente nos textos analisados.

No verso seguinte, onde se tem a adjetivação do “cabelo crespo e armado” usado de maneira pejorativa para diminuir a imagem da mulher negra e marginalizá-la fora de um padrão de beleza branco, é usado como um apelo de mudança de sentido, na verdade o cabelo é imponente.

“Me aceitei, quando endredei  
 Já são 8 anos de cultivo e paciência  
 E acertei quando neguei  
 Esse padrão imposto por uma mídia de uma sociedade que não pensa.

Preta, pretinha  
 Não ligue pro que dizem essas pessoas,  
 E só abaixe a tua cabeça,  
 Quando for pra colocar a coroa!”

A afirmação toma mais forma. Sobre se impor, de forma autônoma e rebelde, contra uma sociedade que limita a pluralidade nos mais diversos campos da humanidade. E que se fora para se abaixar, que seja para se erguer, para se elevar como alguém que conquista, ocupando os lugares antes não acessados. Outros pontos a serem discutidos é justamente quando trazemos as questões de diálogo e identidade e diferença.

A partir do poema, percebemos que os adjetivos usados entram em uma certa linha de antítese. Não a sintática, mas de forma que necessita da compreensão do mundo exterior e da questão de firmamento de identidade. Neste poema, a autora “dá” escolha: ser vista como a sociedade quer que ela seja, de forma pejorativa e sexualizada, com fins e objetivos rasos como ir para a “globeleza”<sup>9</sup>. Tendo isso em vista, a escolha que a autora traz é justamente ligada aos adjetivos incertas, fraca (implícito em “fraqueza”), bela, escuros, encrespado, noturno, erotizado, comodistas, belo (implícito em “belo

<sup>9</sup>[https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2023/02/17/interna\\_cultura,1458853/por-que-a-globo-matou-a-globeleza-apos-polemicas-que-vaio-de-racismo-a-nudez.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2023/02/17/interna_cultura,1458853/por-que-a-globo-matou-a-globeleza-apos-polemicas-que-vaio-de-racismo-a-nudez.shtml)

corpo"), bonita, própria, em pé (implícito em "em pé, armado"), negro, resistente, imposto, preta: deixar se levar pelo olhar da sociedade ou assumir a identidade negra, com todas as suas características e se posicionar, em um ato de revolta, rebeldia, contra o *status quo* contemporâneo da mulher negra.

Como isso se relaciona com o diálogo e a identidade e diferença? É evidente, a partir das análises, que as relações entre identidade e diferença são estabelecidas por meio de interações dialógicas, ou seja, por meio de diálogos. Essas relações e diálogos envolvem questionamentos sobre a validade dessas afirmações e a necessidade de expressão e afirmação como sujeito mulher negra, o que inclui o ato de se revoltar, considerando a presença de um contexto histórico que também molda a identidade dessas mulheres. O fato de resistir é também de existir, fazer parte da existência, ser visível em uma sociedade contemporânea que esquece e silencia esses discursos. Isso ocorre em relações dialógicas entre interlocutores que fazem parte do grupo social étnico que o poema fala e aquele que não o é. Embora pareça ser uma troca de ideias entre duas partes, os discursos e enunciados colidem e se reproduzem de maneiras distintas, gerando significados variados sempre que as interações interpessoais são influenciadas por ou relacionadas aos textos e a essas declarações. Sendo assim, não só recitar e escrever são atos de resistência, mas também ler e receber esses textos. Ora, depende de qual sujeito recebe e o que faz com estes discursos, mas o ponto da resistência é justamente a afirmação e a visibilidade, mesmo sem a aceitação de parcela dos interlocutores, ainda é um ato de revolta, resistência e reafirma a sua existência, anseios, objetivos, medo e orgulhos, ler, escrever e recitar nesses casos, e por que não escrever academicamente sobre, e, no caso da autora, publicar o livro de forma independente sem precisar de uma empresa é um ato de luta e (r)existência.

Se na primeira poesia, há esse lado crítico, mais ácido e cru da visão de mundo e afirmação das negritudes, o segundo poema diz mais respeito a força de continuar lutando. Eles se complementam nessas análises, pois o primeiro nos faz entender as lutas, analisamos a identidade como algo a ser suscitado por meio de diálogos em processos de diferença, em interlocutores que recebem, e que o ato de ser mulher negra é um lato de resistência e de empoderamento. Já neste segundo poema, se trata da perseverança desta luta e como por mais que a revolta pode ser grande nestes contextos, a energia e fulgor para continuar, lutar e resistir pode ser um desafio. Percebe-se então a necessidade de resiliência, de transformar as dificuldades em autoconhecimento, o que

alimenta ainda mais o contexto da identidade e diferença. É por meio dessa relação dialógica que se tem:

## NÃO DESISTE!

Não desiste negra, não desiste!  
Ainda que tentem lhe calar,  
Por mais que queiram esconder  
Corre em tuas veias força yorubá,  
Axé! Para que possa prosseguir!  
Eles precisam saber, que a mulher negra quer  
Casa pra morar  
Água pra beber,  
Terra pra se alimentar.  
Que a mulher negra é  
Ancestralidade,  
Djembês e atabaques  
Que ressoam dos pés.  
Que a mulher negra,  
tem suas convicções,  
Suas imperfeições  
Como qualquer outra mulher.  
Vejo que nós, negras meninas  
Temos olhos de estrelas,  
Que por vezes se permitem constelar  
O problema é que desde sempre nos tiraram a nobreza  
Duvidaram das nossas ciências,  
E quem antes atendia pelo pronome alteza  
Hoje, pra sobreviver, lhe sobra o cargo de empregada da casa  
É preciso lembrar da nossa raiz  
semente negra de força matriz que brota em riste!  
Mãos calejadas, corpos marcados sim  
Mas de quem ainda resiste.

E não desiste negra, não desiste!  
Mantenha sua fé onde lhe couber  
Seja Espírita, Budista, do Candomblé.  
É teu desejo de mudança,  
A magia que trás na tua dança,  
Que vai lhe manter de pé.  
É você, mulher negra! Cujo tratamento majestade é digna!  
Livre, que arma seus crespos contra o sistema,  
Livre para andar na rua sem sofrer violência  
E que se preciso for, levanta arma,  
mas antes,  
luta com poema.  
E não desiste negra, não desiste!  
Ainda que tentem lhe oprimir  
E acredite, eles não vão parar tão cedo.  
Quanto mais você se omitir,  
Eles vão continuar a nossa história escrevendo!  
Quando olhar para as suas irmãs, veja que todas somos o início:  
Mulheres Negras!  
Desde os primórdios, desde os princípios  
África, mãe de todos!  
Repare nos teus traços, indícios  
É no teu colo onde tudo principia,  
Somos as herdeiras da mudança de um novo ciclo!  
E é por isso que eu digo:  
Que não desisto!  
Que não desisto!  
Que não desisto!"

(DUARTE, 2016, p. 14-15)

O ponto inicial é claro e direto: a autora fala para a mulher negra, que em dificuldade e sofrimento vê a necessidade de lutar e resistir. O apelo em exclamação soa como um hino em movimento. O discurso se mantém de resiliência, mas agora para um contexto específico, busca através da ancestralidade e da religião, como uma amiga que

fala com outra, a buscar suas raízes históricas, não à toa são citados entidades de religiões de matriz africana como Umbanda e Candomblé, mais uma afirmação da mulher negra como identidade.

O ponto a ser analisado é a palavra “tentam” e “querem”. O sujeito implícito, pronome indireto revela inconscientemente no leitor o pensamento: quem? Quem tenta, quem quer? A resposta parece óbvia e por isso ela é implícita, é de raiz tão profunda o racismo que a maioria dos leitores podem perceber, a classe branca em sua parte racista é a classe que detém poder financeiro precisa das pessoas negras com baixa autoestima para continuarem em situações de vulnerabilidade e alimentar a desigualdade e invisibilizar a mulher preta, que muitas vezes se torna empregada doméstica, faxineira ou outros trabalhos considerados menos valorosos por muitas pessoas.

“Eles precisam saber, que a mulher negra quer  
 Casa pra morar  
 Água pra beber,  
 Terra pra se alimentar.  
 Que a mulher negra é  
 Ancestralidade,  
 Djembês e atabaques  
 Que ressoam dos pés”

A afirmação das necessidades básicas de um ser humano, em tom demarcando urgência e em contrapartida chamando a ancestralidade da mulher.

“O problema é que desde sempre nos tiraram a nobreza  
 Duvidaram das nossas ciências,  
 E quem antes atendia pelo pronome alteza  
 Hoje, pra sobreviver, lhe sobra o cargo de empregada da casa”

"Nós" remete à reflexão sobre quem retira e quem é retirado, assemelhando-se à nobreza ancestral nos países africanos, governada por reis e rainhas até a invasão europeia e o conseqüente massacre do continente. Na contemporaneidade, é apenas um vestígio de um passado distante, uma majestade usurpada, porém ainda ressoante em

sua influência. Contudo, também ressoa com desigualdade e submissão, constituindo um apelo sutil, porém incisivo.

A mensagem da busca e do reencontro com a ancestralidade, esse diálogo interno cria as relações de identidade e diferença, de quem impôs nesses sujeitos o que deveria ser ou o que não deveria, e assim, se torna cada um ato de reafirmação e de força conjunta, de noção de comunhão das dores e de que nenhuma mulher negra está sozinha, e que a luta persiste, desde a ancestralidade em reinos derrubados até poemas e artigos científicos.

“E é por isso que eu digo:

Que não desisto!

Que não desisto!

Que não desisto!",

## 8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo entender e refletir sobre os apagamentos históricos nas literaturas negras, principalmente mulheres negras na situação histórica que a contemporaneidade se encontra, corroborando para a importância do trabalho com a Poetry Slam como manifestação cultural.

Sendo assim, com base nas análises realizadas no corpo do trabalho, podemos perceber como o Poetry Slam pode ser uma eficiente estratégia para a ampliação dos debates acerca de temas como discriminação, violência, drogas, racismo, machismo, feminismo, tão presentes no cotidiano das mulheres negras e demais minorias brasileiras.

Desta maneira, os poemas têm o potencial de oferecer uma perspectiva única a cada indivíduo que os lê. É fundamental compreender não apenas o conteúdo manifesto, mas também o processo de comunicação subjacente. A origem, o público-alvo e a forma como a perspectiva de leitura varia entre os interlocutores desempenham um papel crucial. Em outras palavras, o leitor que se relaciona com as temáticas abordadas nos poemas experimentará uma interpretação distinta daquele que está familiarizado com a audiência pretendida dos poemas ou daquele que se encontra próximo a essa comunidade-alvo.

Ademais, a pesquisa apontou que é pertinente discutir os textos, considerando sua origem na tradição oral e sua subsequente incorporação às culturas escritas. A maneira como os poemas são entoados em tais contextos desempenha um papel essencial na compreensão da evolução de significados, tanto antes quanto após sua transcrição. Essa dinâmica, em especial, lança luz sobre a relação entre o autor e o leitor, e como ela influencia a interpretação dos textos.

Por fim, encontramos nesse trabalho uma proposição para contribuir, à luz dos conceitos teóricos, que nos apontam a direção de uma melhora significativa na luta antirracista e na visibilização de obras pretas, que constroem suas identidades em discursos dialógicos contemporâneos constantes.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. *O autor e a personagem na atividade estética* In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.3-374.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.3- 374.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. Prefácio Roman Jakobson. Apresentação Marina Yaguello. São Paulo: Hucitec, 1988.

BRASIL, 2008.

DALVA, Roberta Estrela. Sobre o que está acontecendo com o programa Manos e Minas 06/jul/2019. Instagram: @estreladalva. Disponível em <https://www.instagram.com/p/BzloMnCAbn6/> Acesso em 15/09/2023.

DUARTE, Mel. *Negra Nua Crua*. São Paulo: Editora Ijuma, 2016.

\_\_\_\_\_ (org). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

EVARISTO, Conceição. Entrevista à BBC-Brasil (Juliana Dias Carneiro). Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>

HALL, Stuart. Silva, Tomaz Tadey da. Woodward, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n° 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

MATTERLART, Armand; NEVEU, Érik. *Introdução aos Estudos Culturais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PAULA, Luciane de. *O SLA funk de Fernanda Abreu*. 2007. 293 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2007.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 148 p.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010. 135 p.

VOLÓCHINOV, V. N. *Estilística do Discurso Literário II: A construção do enunciado*. In: VOLÓCHINOV, V. N. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 266-305.